

## 3

## D. W. Winnicott: a experiência sensível nos processos de subjetivação

*Em que uma psicanalista tão original quanto Melanie Klein permanece, todavia, no sistema psicanalítico? Ela mesma o diz muito bem: os objetos parciais dos quais nos fala, com suas explosões, seus fluxos, etc., são da ordem do fantasma. Os pacientes trazem estados vividos, intensamente vividos, e Melanie Klein os traduz em fantasmas. Existe aí um contrato, especificamente um contrato: dê-me seus estados vividos, eu lhe devolverei fantasmas. E o contrato implica uma troca, de dinheiro e de palavras. A esse respeito, um psicanalista como Winnicott mantém-se realmente no limite da psicanálise, porque tem o sentimento de que este procedimento não convém mais num certo momento.*

*Há um momento em que não se trata mais de traduzir, de interpretar, traduzir em fantasmas, interpretar em significados ou em significantes, não, não é isso. Há um momento em que será necessário partilhar, é preciso colocar-se em sintonia com o paciente, é preciso ir até ele partilhar seu estado. Trata-se de uma espécie de simpatia, de empatia, ou de identificação? Mesmo assim, isso é seguramente mais complicado. O que nós sentimos é antes a necessidade de uma relação que não seria nem legal, nem contratual, nem institucional.*

– Gilles Deleuze –

Winnicott é um pensador que há alguns anos vem ganhando espaço no meio psicanalítico. A retomada de sua obra se deve a diversos fatores, entre eles a apropriação singular da teoria psicanalítica feita pelo autor, que trata o processo de subjetivação como intrinsecamente relacionado ao ambiente e às relações primordiais estabelecidas com o mesmo. Tal mudança de perspectiva também resulta em modificações no âmbito da técnica, que muito se adequam às necessidades da clínica contemporânea. Os psicanalistas têm se deparado com configurações subjetivas que dificilmente podem ser entendidas unicamente sob a ótica de dinâmicas pulsionais traduzidas em conflitos psicológicos.

Com Winnicott, podemos compreender tais configurações subjetivas como expressões de um encontro entre indivíduo e ambiente em que outros aspectos, que ultrapassam os domínios estritamente lingüísticos, são postos em destaque pelas diversas experiências sensoriais e afetivas que fazem parte do processo de desenvolvimento emocional descrito pelo autor. Winnicott também destaca a experiência estética que está presente na gênese da subjetividade, engendrada por uma criação ativa do mundo e de um tempo e espaço próprios. É nessa experiência de ilusão inicial que estão inseridas as bases da experiência cultural nos termos do psicanalista inglês, que também nos dá ferramentas para pensarmos

sobre as transformações da cultura contemporânea, compondo assim um panorama do processo de desenvolvimento humano que se inicia na dimensão afetivo-estética da experiência e se estende, em continuidade, até sua dimensão ético-política.

Autores de diversos campos do conhecimento têm tratado das transformações culturais da contemporaneidade abordando por diversos ângulos os processos de produção subjetiva nesse contexto. No campo teórico da psicanálise, muito se tem falado sobre as configurações subjetivas que questionam dispositivos clínicos e construções teóricas tradicionais. Tais configurações subjetivas põem em destaque temas que tradicionalmente não tinham sido privilegiados pelo campo psicanalítico, como é o caso do corpo e dos processos pré-reflexivos. Embora Freud não tenha deixado de tratar das maneiras como a dimensão corporal participava da constituição psíquica humana, o aparato teórico-clínico que embasa a psicanálise lidou muito mais com o aspecto representacional da experiência, do que com a dimensão extra-representacional que a acompanha e se expressa, paralelamente, no corpo e nas relações que este estabelece com o ambiente do qual faz parte.

Dessa maneira, os sintomas contemporâneos, não por serem novos, mas por se apresentarem em grande quantidade na clínica atual, muitas vezes denunciam a inadequação dos moldes psicanalíticos tradicionais para seu tratamento, visto que em muitos casos a dificuldade se dá exatamente na conexão corpo-mente, eu-outro, de forma que a abordagem que privilegia o aspecto representacional se torna inócua. Na concepção que tentarei defender neste trabalho, não se trata de acrescentar sentido à experiência, mas sim criar um plano de consistência para que a própria experiência possa ser apropriada pelo indivíduo em termos globais, isto é, pelo seu *self*, o que supõe um funcionamento conjunto psique-soma. A meu ver, Winnicott é um autor que abre possibilidades para que o corpo seja pensado como fundamental para os processos de constituição subjetiva, pois entende a integração psique-soma como uma condição de possibilidade para que os “processos de desenvolvimento” (Phillips, 2006, p. 36) emocional possam ocorrer, não só nos primórdios da vida, mas em todos os seus momentos. Partindo do corpo, podemos pensar os processos afetivos em sua conexão com a experiência, visto que esta só pode se dar se incluir a dimensão corporal.

O conceito de afeto, tal como o entendem autores como Deleuze, Espinosa e Winnicott, é um constructo teórico que abrange a dimensão do ato, da experiência e do processo, sempre em uma perspectiva que envolve tanto o corpo quanto a mente. Na teoria espinosana, como foi visto, o afeto é uma noção fundamental para que o funcionamento concomitante corpo-mente seja pensado. Os afetos se dão num campo imanente e múltiplo por natureza: o campo dos encontros que transformam incessantemente a realidade dos corpos através de um processo de aumento e diminuição de suas potências. Este processo transitivo – ou transicional, como diria Winnicott, com algumas diferenças – é o que caracteriza o afeto, que se expressa através da possibilidade que tem o indivíduo de afetar-se pelos encontros que promove com o mundo, experimentando assim variações/transições. É essa capacidade de afetar e de ser afetado que muitas vezes se encontra de alguma maneira entorpecida nos indivíduos que chegam aos nossos consultórios, o que podemos entender, com Winnicott, como uma impossibilidade de viver experiências – ou, mais precisamente, de acessar a zona de experiência –, o que também significa uma impossibilidade de ser criativo.

Com o conceito de afeto e sua processualidade intrínseca gostaria de enfatizar a dimensão da experiência, que não é necessariamente lingüística, ou que não envolve de forma necessária uma linguagem discursiva. Contudo, apesar de considerar essencial que a dimensão não-discursiva da experiência seja levada em conta nesse debate, também não estou propondo que a linguagem deixe de ser levada em consideração. Apenas gostaria de sustentar que o âmbito da experiência seja levado em conta como um elemento que não está no sujeito, nem no objeto, mas “na relação deles com um terceiro, a própria experiência do encontro, cujos princípios concorrem para o posicionamento dos outros dois” (Silva & Preu, 2008, p. 389).

Na obra de Winnicott, tentarei compreender o estatuto do afeto aproximando-o da noção de processo de desenvolvimento, já que o autor não possui uma teoria dos afetos propriamente dita, como Espinosa. Ainda assim, pode-se constatar pela leitura de sua obra que o afeto, principalmente se entendido sob a ótica do processo e da transicionalidade, é uma noção imprescindível. Além da idéia de processo ser central para a concepção winnicottiana do desenvolvimento emocional humano, entendido pelo autor mais como “o processo de procurá-lo” (Phillips, 2006, p. 101) do que como um

desenvolvimento que se dá progressivamente no sentido de um termo final, também é possível constatar a importância de tal noção na sua concepção de clínica. Na visão winnicottiana da técnica psicanalítica, o *setting* pode ser entendido como um espaço transicional, isto é, como um ambiente que possibilite uma vivência efetivamente criativa, impulsionada por experiências afetivas. Há aqui uma diferença em relação à concepção da psicanálise clássica, que circunscreveu seu plano teórico ao sujeito e sua relação pulsional com os objetos sem se debruçar sobre essa “terceira área” (espaço transicional), que se refere aos dois pólos simultaneamente.

Segundo Phillips (2006), o objeto transicional criado por Winnicott é diferente de qualquer objeto que figure na psicanálise, pois ele não é perdido, nem internalizado, não é substitutivo de um objeto primordial e nem pode ser substituído. Para o autor, “o objeto é parte de um continuum potencial de objetos significativos ‘espalhados sobre’ o território intermediário que constitui o ‘campo cultural’” (Phillips, 2006, p. 168). Vê-se então que para o pediatra e psicanalista inglês não havia como separar natureza de cultura, corpo de mente, afeto de representação, e muitas outras dimensões da experiência que conjuntamente compõem o quadro dos fenômenos humanos. Não é à toa que Winnicott chama atenção para a manutenção da capacidade do analista acompanhar o processo do paciente e usar a interpretação a serviço do mesmo.

O autor também não deixa de reiterar a importância de os adultos manterem viva a experiência das crianças no sentido de não deixá-la capturar-se por nenhum mecanismo que a cristalice, como a criação de um falso *self*. Assim como Deleuze e Espinosa, Winnicott parecia entender o sujeito, não como uma estrutura universal que pré-existe à experiência e ao ato, mas como um processo que está em contínua transformação por meio dos afetos. Nas palavras de Deleuze, que resumem bem o que gostaria de ressaltar na concepção de Winnicott: “O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo” (Deleuze, 2001, p. 93). É apenas através de tal concepção de sujeito que podemos pensar o afeto como um conceito que está na base do movimento incessante de produção de subjetividades.

Neste capítulo, pretendo privilegiar as relações entre psicossoma e ambiente, que se constituem como experiências reais para o indivíduo, possibilitando a transicionalidade, isto é, a possibilidade de contato com uma zona

potencial que promova a criatividade e as transições afetivas. A experiência é uma noção fundamental na teoria winnicottiana, pois articula corpo e afetos, que se constituem na obra do autor como a base dos processos de desenvolvimento emocional, da experiência de ser, do brincar e do viver criativo. Os afetos serão abordados através da idéia winnicottiana de processo de desenvolvimento e de um afeto específico – a agressividade primária – que privilegiarei por ser fundamental para o contato com a externalidade e, conseqüentemente, com a alteridade.

São os signos afetivos que nos remetem aos primeiros contatos do bebê com o mundo externo, já que estes se dão através de uma comunicação que é substancialmente corporal. O bebê entra em contato com o que lhe é externo através da percepção de sinais, toques, sons e signos afetivos que vão se inscrever como marcas no corpo, que progressivamente podem chegar a formar uma unidade através da qual o infante reconhece a alteridade e, assim, se reconhece como uma pessoa total. Todo esse processo é descrito por Winnicott em várias de suas construções teóricas que tratam do processo de constituição da subjetividade. É importante destacar novamente que a noção winnicottiana de processo de desenvolvimento, determinante para a sua concepção da clínica e dos processos de subjetivação, não supõe um termo, mas um desenvolver-se que está em constante movimento. Segundo Phillips (2006),

Aquilo a que ele [Winnicott] continuamente se refere como o processo de desenvolvimento é a imagem em volta da qual sua obra se organiza. E a proeminência de substantivos verbais reflete sua preocupação com o processo em vez de com a conclusão (ele era, Masud Khan escreveu, “sempre móvel”). (PHILLIPS, 2006, p. 37)

### 3.1.

#### **Os processos de desenvolvimento emocional**

Os processos de desenvolvimento emocional descritos por Winnicott têm seu início antes do nascimento e duram por toda vida. Na concepção do autor, tanto a integração da personalidade em uma unidade, como o estabelecimento da psique no corpo são processos que não estão dados de princípio, mas se *realizam* na experiência. Winnicott atenta para as diversas formas com que o corpo do bebê pode ser afetado nas relações que mantém com o ambiente em suas atividades. A

integração, a personalização e as primeiras relações objetais são as principais operações destacadas pelo autor nos processos de desenvolvimento emocional (Davis & Walbridge, 1982). As primeiras relações objetais, nada mais são do que os relacionamentos primitivos do indivíduo com o mundo externo. O estabelecimento de tais relações se dá em um processo que não está dado, mas precisa ser construído com experiências diversas.

A integração e o sentimento de estar no próprio corpo, decorrente do processo de alojamento da psique no soma, são expressos por uma consistência do viver que Winnicott denomina de *realização*. Nos processos de desrealização, há uma falha nas relações do sujeito com a realidade, da qual a desintegração e a despersonalização são correlatas. Isto ocorre porque Winnicott pensa os processos de subjetivação como construções – e desconstruções – que não cessam de acontecer no espaço entre os pólos da integração/desintegração, personalização/despersonalização, realização/desrealização. Não há um sujeito dado, apenas processos de subjetivação em que transições incessantes podem ser experimentadas; “a integração começa logo no início da vida, mas em nosso trabalho nunca podemos presumi-la como certa” (Winnicott, 1945/2000). A realização supõe relações diversas em que há uma percepção dos limites do próprio corpo no mundo, assim como dos outros corpos que estão em relação com o corpo próprio. O corpo de um bebê se complexifica à medida que adquire a capacidade de se integrar em uma unidade e reter experiências provenientes do contato com a realidade externa. Mas antes que isso possa se tornar um fato, e mesmo depois, há um movimento intrínseco a estes processos na medida em que os acontecimentos não cessam de provocar o corpo vivo a se modificar de maneiras diversas.

A habilidade para viver estes processos, entretanto, se constitui desde o momento em que só podemos falar de uma existência pré-individual. Aqui, o que está em jogo não são conflitos entre forças caracterizadas como “mentais”, mas ações diretas do ambiente sobre o corpo do indivíduo em seu processo de constituição subjetiva. Essa perspectiva tem conseqüências clínicas que destoam da psicanálise tradicional à medida que voltam o olhar do psicanalista para processos sensoriais que estão na base dos fenômenos transferenciais e da própria capacidade cognitiva, constituída, entretanto, em um momento posterior. Nesse sentido, a “sessão será mais um espaço de experiência do que um lugar de

cognição” (Safra, 2005, p. 30). A interpretação verbal não será necessariamente a melhor maneira de abordar a prática clínica, considerando que os processos estéticos e sensíveis que estão na base da constituição subjetiva não cessam de estar presentes em todas as formas de relacionamento com o mundo, inclusive no *setting* analítico. O ideal freudiano da neutralidade cai por terra quando se admite que o corpo do analista também está sendo afetado nesse encontro e essa capacidade se constitui como uma ferramenta de trabalho valiosa no tratamento clínico de todos os tipos de paciente, não só daqueles que possuem questões que remetem às primeiras relações estabelecidas com o ambiente:

Quando estamos diante de alguém, estamos em presença da maneira como essa pessoa organiza o espaço, o tempo, a relação com o outro. Os sons, os cheiros, enfim, tudo contribui para que possamos “intuir” o jeito do outro, seus sentimentos, seus sofrimentos, pois todas essas organizações plásticas nos afetam em nosso corpo. (...) Se compreendermos que o self organiza-se esteticamente, perceberemos que, ao estarmos com o paciente, estamos sendo afetados pelo modo como ele organiza o tempo, o espaço da sessão, pela maneira como ele movimenta seu corpo no *setting*. Quer tenhamos ou não consciência dessa questão, lemos esteticamente as situações criadas por ele a partir do nosso corpo. (SAFRA, 2005, p. 51)

Winnicott demonstra em sua teoria que a constituição do mundo e de um si-mesmo se dá sempre por uma interlocução. Segundo Safra (2005, p. 51), “Um corpo não transfigurado pela presença de outros é corpo-coisa e não encontra meios de perceber subjetivamente a vida no mundo”. Antes da experiência do *self* como unidade há um corpo intensivo que vibra e é atravessado por afecções que o marcam de formas variadas. Há, portanto, uma “afetabilidade” que é intrínseca à natureza humana e que não é de forma nenhuma superada pelo desenvolvimento posterior. Isso porque os processos de desenvolvimento comportam idas e vindas, transições entre estados que são adquiridos e perdidos, ou potencializados e despotencializados, ao longo de todo o processo vital. Daí a importância que o autor dá à corporeidade e às experiências estéticas vividas no, e a partir do corpo. Assim, o self nada mais é do que a experiência de habitar um corpo que se singulariza por sua abertura ao contato e à comunicação afetiva com outros componentes da natureza. Segundo Safra, “Não se deve pensar no self como organização mental, ou como uma representação de si mesmo, mas como o indivíduo organiza-se no tempo, no espaço, no gesto, a partir de sua corporeidade. O self se dá no corpo, o self é corpo” (Idem, p. 144).

### 3.1.1.

#### **Integração no tempo: *self* e continuidade no ser**

Para Winnicott, a integração não é algo dado ao bebê humano no momento do seu nascimento, mas um processo que é alcançado por meio da experiência. O termo é usado pelo psicanalista inglês para se referir à integração do bebê no tempo e no espaço<sup>36</sup>, indicando tanto a tendência (inata) no sentido do amadurecimento, como as diversas integrações parciais que ocorrem de forma gradual ao longo de todo o processo de desenvolvimento (DIAS, 2003), que dura por toda a vida. A integração é um dos aspectos mais importantes do processo de amadurecimento descrito por Winnicott, pois está na base do sentimento de realidade e da constituição do *self*, sendo também imprescindível para a atividade criativa e, conseqüentemente, para a relação do indivíduo com o ambiente cultural/social. Além disso, Winnicott chega a dizer que o movimento no sentido de uma integração faz parte de qualquer um dos processos de desenvolvimento descritos por ele. Para Dias, “A tarefa de *integração no tempo e no espaço* é a mais básica e fundamental das tarefas do amadurecimento. Com efeito, não há sentido de realidade possível – nem do corpo, nem do mundo, nem do si mesmo – fora de um espaço e de um tempo” (DIAS, 2003, p. 196, grifado no original).

É no encontro com o ambiente, que no início da vida é encarnado pela mãe (ou seu substituto), que um ritmo próprio vai sendo vivenciado pelo bebê. É através de uma multiplicidade de sons, cheiros, luzes, cores e sensações diversas na pele e nos órgãos internos que o bebê começa a entrar em contato com o mundo e com si mesmo<sup>37</sup>. Porém, é a continuidade de todos esses estímulos que aos poucos vai proporcionando ao bebê uma experiência de continuidade no tempo (duração), que está na base do processo integrativo. Cabe à mãe conter tais estímulos de modo a proteger o bebê de um possível excesso que venha a ser

---

<sup>36</sup> Rigorosamente, a integração propriamente dita é usada por Winnicott para se referir ao aspecto temporal, sendo o aspecto espacial denominado de *personalização*. No entanto, como estes dois processos (integração e personalização) acontecem de forma concomitante, pode-se incluir a integração espacial na integração propriamente dita, como faz o próprio Winnicott em alguns momentos de sua escrita. Davis e Wallbridge (1982) se referem à integração, à personalização e ao início das relações objetais como as três realizações principais mapeadas por Winnicott. Nas palavras dos autores (1982, pp. 50-51): “Estas realizações não são necessariamente consecutivas; são interdependentes e há superposição entre elas. Tampouco são todas consolidadas ao mesmo tempo, mas, no início, são alcançadas apenas momentaneamente, perdidas depois e então novamente atingidas”.

<sup>37</sup> Que ainda não existe como tal, mas está se constituindo.

traumático. O bebê não tem consciência da presença da mãe, mas sente os efeitos desta presença e começa a constituir uma memória destes cuidados, que são então ansiados (DIAS, 2003). Esta memória não inclui representações, mas se verifica através de marcas oriundas de sensações e afetos vivenciados pelo bebê; é o que Winnicott denomina de “memória corporal”.

A existência de um ritmo é fundamental para o desenvolvimento de todo esse processo, que se dá no encontro entre o corpo materno e o corpo do bebê. No entanto, para que tudo corra bem é imprescindível que este encontro não resulte na imposição de um ritmo ao bebê. A temporalidade que aos poucos vai sendo vivida e criada pelo bebê dá a este a possibilidade de poder esperar pelo cuidado que o ambiente lhe oferece; essa é uma das maneiras de fazer com que o *self* em formação se fortaleça no caminho rumo à independência. As marcações temporais devem se fazer presentes e auxiliam o infante a organizar minimamente sua própria existência e a existência do mundo, mas é necessário que o ritmo próprio da criança seja respeitado. É preciso que os ritmos do ambiente e do bebê se arranjam como os diversos elementos sonoros de uma composição musical entram em relação, cada qual no seu momento, formando juntos uma unidade harmônica da qual todos fazem parte.

O fundamento de tal afirmação pode ser facilmente compreendido a partir de Espinosa, se pensarmos nos termos de sua teoria dos afetos. É preciso deixar o caminho aberto para o bebê agir em direção ao mundo ao invés de ser passivo, interagindo com as estimulações do ambiente. Quando o encontro mãe-bebê se dá como uma composição, torna-se possível que o bebê explore o mundo a partir de seus próprios impulsos ao invés de ser enquadrado em uma realidade pré-existente. Quando o corpo do bebê se compõe com o corpo materno, afetos de alegria são experimentados pelos dois pólos da relação, de forma que mãe e filho se retroalimentem neste encontro, o que resulta em transições no sentido do aumento da potência, tanto de um quanto do outro, assim como da relação entre ambos. Quando a mãe é intrusiva, o encontro mãe-bebê se dá como uma decomposição e a única possibilidade que o bebê tem é reagir a essas intrusões (até mesmo no intuito de preservar algo de seu, que Winnicott denomina muitas vezes de núcleo da personalidade). Não há, dessa forma, um desenvolvimento ativo, mas uma passividade que se faz ver como submissão a um tempo e um espaço exteriores e impostos ao infante.

No início<sup>38</sup>, o que há para o bebê é um “estado de não-integração a partir do qual a integração se produz” (Winnicott, 1990, p. 136). O bebê que vemos como uma unidade ainda não se sente como tal. Porém, o mais importante é que ele não sinta a necessidade de se integrar, nem de reagir ou se defender de algum tipo de invasão do ambiente. Quando tudo corre bem, o estado de não-integração é uma condição prazerosa experimentada pelo bebê como um momento em que ele não está sendo solicitado nem pelo mundo externo, nem por sua interioridade, mas contempla o mundo calmamente, por isso Winnicott também se refere à não-integração como um *estado intermediário* (Winnicott, 1990). O estado não-integrado será o precursor da capacidade de estar só, entendida como uma disposição para viver momentos de relaxamento, mesmo na presença de outras pessoas, pois a capacidade de que fala Winnicott não é o mesmo que ficar a sós na realidade, mas a possibilidade de estar a sós na presença de outrem sem a necessidade de reagir a estímulos do ambiente. A imposição de uma integração precoce – isto é, quando o ambiente solicita que o bebê se torne UM sem levar em conta todo o processo pessoal que leva à constituição desta unidade – acarreta na impossibilidade futura de a criança ou adulto acessar esta área, que posteriormente será chamada por Winnicott de espaço potencial, ou terceira área, e está intimamente relacionada com a possibilidade de viver uma vida ativa e criativa.

No mesmo sentido, Winnicott também acrescenta que esse estado inicial de não-integração é acompanhado por uma ausência de consciência por parte do bebê, que ainda não adquiriu a capacidade de instaurar a dobra no pensamento característica da consciência reflexiva. Antes há que existir um self que tome consciência de si mesmo. Outro dado importante é que a integração permite as vivências afetivas, já que estar integrado também é ter a possibilidade de vivenciar transições de afetos a partir de uma unidade, por mais que esta possa – e seria desejável, nos termos winnicottianos – se desfazer em muitos momentos de não-integração. Nas palavras do autor:

No começo teórico existe o estado de não-integração. Uma ausência de globalidade tanto no espaço como no tempo. Neste estágio não há consciência. Assim que começamos a falar de um *conjunto* de impulsos e

---

<sup>38</sup> O início a que Winnicott se refere é um começo teórico. O que importa é a descrição de um processo que caminha no sentido da integração e está intrinsecamente ligado à experiência, seja ainda no útero ou em algum momento inicial após o nascimento. Da mesma maneira, “É bom lembrar que o começo é uma soma de começos” (WINNICOTT, 1979/1983, p. 56, nota 1).

sensações, já estamos muito afastados do início, quando o centro de gravidade (por assim dizer) do self migra de um impulso ou sensação para outro. O começo certamente está em alguma data anterior ao nascimento a termo. (WINNICOTT, 1990, p. 136)

A integração também é condição de possibilidade para a memória. É só através da integração em um *self* que o indivíduo é “capaz de integrar e manter lembranças do cuidado ambiental, e, portanto, de cuidar de si mesmo” (Idem, 1990, p. 137). O cuidado de si implica também o cuidado com o outro. A manutenção das lembranças em um *self* permite que o bebê integre mãe-ambiente e mãe-objeto, isto é, a mãe que funciona como ambiente provedor e aquela com a qual o bebê lida, o que tem como consequência a possibilidade de reparar os ataques feitos à mãe-objeto, já que ela é a mesma que oferece o contorno necessário ao processo de integração e à sobrevivência do bebê<sup>39</sup>. A aquisição disso que Winnicott denomina *concernimento*, também se relaciona a possibilidade de distinguir eu e não-eu, e passar de uma apreensão subjetiva do mundo para os primórdios da objetividade – que nunca poderá ser totalmente alcançada, já que não se pode prescindir de uma percepção subjetiva.

O processo de integração descrito por Winnicott se dá concomitantemente à formação do ego. Tanto que este pode ser entendido como “um aspecto do self que é auxiliar à função específica de integração” (Abram, 2000, p. 122), já que uma de suas funções é “integrar certas experiências à personalidade” (Idem, p. 120). Em seu artigo “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (1962/1983, p. 55), Winnicott afirma que o termo ego pode ser utilizado para “descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar em uma unidade”. Vê-se, portanto, que a integração também é uma forma primitiva de organização do ego no sentido da formação de um *self* unitário. Este “se constitui naquilo que o bebê lança mão a fim de integrar sua experiência, formar uma personalidade e tornar-se ele mesmo” (Abram, 2000, p. 122).

Segundo Winnicott, “Pode-se dizer que uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação a ansiedades inimagináveis) possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade no padrão da continuidade existencial”. (Winnicott, 1979/2008, [artigo de 1962]). No entanto, quando por

---

<sup>39</sup> Esta questão também será explorada quando o impulso agressivo for tratado neste trabalho.

algum motivo o ambiente não oferece o *holding*<sup>40</sup> necessário ao bebê na fase de dependência absoluta, experiências de aniquilação podem ser vivenciadas pelo infante, estabelecendo-se assim um padrão reativo de funcionamento em relação ao ambiente, em que não é possível vivenciar momentos de relaxamento não-integrados. Nesses casos, o que há são reações contra a não-integração, vivida como algo ameaçador. Nas palavras de Winnicott:

Usa-se o termo desintegração para descrever uma *defesa* sofisticada, uma defesa que é uma produção ativa do caos contra a não-integração na ausência de auxílio ao ego da parte da mãe, isto é, contra a ansiedade inimaginável ou arcaica resultante da falta de segurança no estágio de dependência absoluta. O caos da desintegração pode ser tão “ruim” como a instabilidade do meio, mas tem a vantagem de ser produzido pelo bebê e por isso de ser não ambiental. (WINNICOTT, 1979/2008[artigo de 1962])

Na passagem acima, vemos que a desintegração é um mecanismo de defesa produzido pelo bebê no intuito de preservar algo de pessoal em sua experiência. Se o ambiente não proporciona a confiança necessária para que o infante vivencie tranquilamente estados de não-integração, a desintegração é uma alternativa a submissão total à instabilidade imposta pelo ambiente. A desintegração é, sob este ponto de vista, uma tentativa de cura no sentido da preservação daquilo que Winnicott chamou de *núcleo do self*. Aqui fica claro que o bebê não existe sem os cuidados dispensados pelo ambiente, estando sempre em interação com outros, sejam eles pessoas, objetos, signos afetivos ou sensações, que são transmitidas em todas as formas de relação de que o infante participa e através das quais se constitui. Se o ambiente, representado principalmente pela mãe ou alguém que a substitua, for sensível às necessidades do bebê, esta relação primordial será como um plano de consistência no qual a potência deste “novo ser humano”, como diz Winnicott, poderá se efetuar no encontro afetivo com a alteridade representada pelo ambiente.

Por mais que não se possa ao certo delimitar o momento da emergência de uma subjetividade no bebê – é o próprio Winnicott quem nos lembra que o

---

<sup>40</sup> O conceito de *holding* envolve tanto os cuidados físicos que a mãe (ou o cuidador responsável pelo bebê) efetua no contato diário que tem com ele (toque, temperatura, ações da gravidade, sensibilidade visual, etc.), como o fato de que o adulto pode manter o bebê em sua mente, e por isso prover a ele todos os cuidados necessários para que o seu desenvolvimento siga em processo. A fase de dependência absoluta é descrita por Winnicott como a fase do *holding*, pois é o momento em que o bebê está mais vulnerável às afecções que o ambiente pode lhe provocar.

começo é uma soma de começos –, a possibilidade de viver experiências pode ser um dos critérios para pensarmos, não só o princípio, mas a continuação da vida em suas múltiplas formas de transformação incessante. Segundo Winnicott, um novo ser humano começa a existir a partir do momento em que lhe é possível acumular experiências que podem ser consideradas pessoais. Ao contrário de Freud, o psicanalista inglês não arroga a emergência da subjetividade à vida instintual ou a atribui a um funcionamento pulsional que se daria independentemente do contato com o ambiente. Para Winnicott, é justamente o encontro com outros corpos e afetos que dá ao bebê a capacidade de se desenvolver. É nos espaços entre os momentos de ausência e presença da mãe que o bebê pode formar imagens de suas experiências. O tempo é um dos aspectos principais da integração e dos processos de subjetivação em geral; é através de vibrações, intensidades afetivas, ritmos e composições que se estabelecessem mutuamente que o processo de subjetivação se dá e dura no tempo. Não em um sentido único e linear, mas em incontáveis possibilidades de encontros os mais variados com outros corpos existentes na natureza.

Desde o ventre materno, bebê e mãe se afetam mutuamente, constituindo assim uma forma de relação composta por *afectos* e *perceptos*, vestígios (*vestigia*) de um corpo sobre o outro. A capacidade de afetar e de ser afetado é exatamente o que constatamos estar ausente em alguns indivíduos que relatam um sentimento de vazio em sua existência, como se não tivessem a possibilidade, não só de viver experiências, mas também de fazê-las durar e transformar-se com elas. Seria esta uma incapacidade afetiva, de afetar e de ser afetado pelos encontros, vivendo assim experiências, algo relacionado ao que Winnicott denomina de *falso self*? Acreditamos que sim. Mas para dar prosseguimento a estes questionamentos, seguiremos com a análise da integração no espaço, denominada por Winnicott de *personalização*, em que o corpo próprio se torna o espaço privilegiado do processo de subjetivação, ainda que sempre através de encontros disruptivos com a diferença.

### 3.1.2.

#### **Integração no espaço: a trama psicossomática**

Seguramente não é um exagero dizer que Winnicott é um dos autores referidos ao campo psicanalítico que mais se dedicou a enfatizar a importância da corporeidade para a constituição dos processos psíquicos e para a manutenção de um viver saudável, isto é, disposto a transições afetivas que possam ser vividas como experiências pessoais e singulares. Para o autor inglês, o corpo, com sua potência intrínseca de ser afetado das mais diversas maneiras pelo ambiente, é o lugar privilegiado dos processos de subjetivação e da capacidade de formar imagens a partir dos encontros com a exterioridade. A “*elaboração imaginária (imaginative) dos elementos, sentimentos e funções somáticos*, ou seja, da vitalidade física” (Winnicott, 1949/2000, p. 333, grifado no original) é essencialmente o que Winnicott denomina de psique<sup>41</sup>. É do corpo que provém, portanto, a primeira forma de conhecimento que o bebê pode obter da realidade compartilhada e de sua própria, em um contato sensível com uma série de objetos e incontáveis sensações táteis, olfativas, visuais e sonoras. Nesse contexto, formam-se imagens desses encontros a partir da presença mesma de outros corpos em contato com a superfície da pele e com todo o aparato sensorial do bebê humano. A psique não existe sem uma base corporal e quanto mais bem superpostos estiverem psique e soma, mais real será a existência de um indivíduo em termos de sua capacidade de viver experiências, reter lembranças dessas afecções e expandi-las criativamente a partir de um *self* pessoal. Nas palavras de Winnicott:

Do ponto de vista do indivíduo em desenvolvimento, no entanto, o self e o corpo não são inerentemente superpostos, embora para haver saúde seja necessário que esta superposição se torne um fato (...). Gradualmente, a psique chega a um acordo com o corpo, de tal modo que na saúde existe eventualmente um estado no qual as fronteiras do corpo são também as fronteiras da psique. O círculo que uma criança de 3 anos desenha e chama de “pato” é tanto a pessoa do pato quanto o seu corpo. (WINNICOTT, 1990, p. 144)

---

<sup>41</sup> A concepção espinosana da relação corpo-mente, conforme vista acima, pode ser útil para o entendimento da constituição psicossomática em Winnicott. Para o filósofo, a mente é a ideia do corpo, a capacidade de formar ideias das experiências que o corpo próprio vive em seus encontros com outros corpos da natureza.

No processo de amadurecimento emocional descrito por Winnicott ao longo de sua obra o bebê vai adquirindo habilidades que são proporcionadas por encontros nos quais é possível ser ativo na constituição de si mesmo e do mundo. Isso significa que o ambiente, representado pelos cuidados e pelo manejo do corpo do bebê, também pôde adaptar-se ativamente às necessidades do lactente em seus processos de subjetivação e individuação. Segundo Winnicott, “No desenvolvimento normal, a integração e a coexistência entre psique e soma dependem tanto de fatores pessoais referentes à vivência das experiências funcionais, quanto do cuidado fornecido pelo ambiente” (WINNICOTT, 1990, p. 145). Quando não há essa adaptação por parte do ambiente, processos de despersonalização podem ser experimentados, o que tem como consequência para o indivíduo uma sensação de não se sentir real, de forma que sua vivência subjetiva não tem consistência e a vida parece não valer à pena. Isso ocorre em virtude de um pertencimento frágil do indivíduo a seu próprio corpo, quando psique e soma não funcionam concomitantemente e em conformidade. Para Winnicott, não é um fato que psique e soma funcionem em paralelo<sup>42</sup>. No pensamento de Winnicott sobre a transicionalidade e o espaço potencial, relacionado à cultura e ao convívio social, também encontramos uma fundamentação para concluir que um processo de personalização que não está em curso, para além do que mencionamos acima, impedirá ainda que composições no âmbito de uma coletividade possam ser promovidas pelo indivíduo de forma que este possa contribuir para ela e se expandir no sentido de um devir coletivo.

O retraimento pode ser entendido como uma passividade afetiva. Nele, o indivíduo reage e erige defesas contra a própria potência de afetar e ser afetado pelo ambiente, pois este encontro não traz a possibilidade de o bebê se desenvolver desde o seu cerne para o exterior. Ao contrário, é o ambiente que impõe sua presença de forma que a potência deste indivíduo perde força, pois este não dispõe plenamente de suas possibilidades de ser afetado; a potência, aqui, está afastada do que ela pode, diria Espinosa. Um bebê saudável vive um incessante

---

<sup>42</sup> “A localização do eu no próprio corpo é muitas vezes tida como óbvia, mas uma paciente psicótica em análise deu-se conta de que, na infância, ela achava que sua irmã gêmea no assento ao lado do carrinho era ela mesma. E até se surpreendia quando alguém pegava a sua irmã no colo e ela ficava parada onde estava. Sua percepção do outro-que-não-o-eu não tinha se desenvolvido” (WINNICOTT, 1945/2000, p. 223).

processo de comunicação<sup>43</sup> com o que está ao seu redor, ampliando seu território existencial e seu repertório de afetos a cada novo encontro.

Um processo de personalização bem sucedido tem como consequência a afetação recíproca entre soma e psique, um se desenvolvendo a partir do outro como uma trama que progressivamente se superpõe ou se estreita. Também é importante lembrar que o status psicossomático uma vez atingido ainda pode ser perdido, pois durante toda a vida do indivíduo haverá necessidade de que sejam estabelecidas composições com outros corpos para que a perseverança na existência seja possível, mesmo que em muitos momentos não se tenha a potência plenamente preenchida nesses encontros. O sentimento de habitar o próprio corpo também se refere a vivê-lo plenamente das mais variadas maneiras:

(...) uma criança pode sentir que mora em seu corpo porque tem experiências em que todo o corpo está envolvido - tais como chutar, correr, comer, vir a conhecer-se como o lugar em que ela mora -, e também por causa do manejo que provém do exterior. Considerando todos estes aspectos, não deveríamos tomar como certo que as pessoas vivam em seu corpo muito facilmente posto que, por exemplo, caso estejam excessivamente cansadas, elas podem facilmente se descobrir num lugar um pouco diferente, e terem a sensação de que o corpo no qual vivem não lhes pertence. (PEIXOTO JUNIOR, 2008, p. 934)

A morada psicossomática, entendida por Winnicott como a “habitação da psique no soma” (Winnicott, 1970a) é, para o autor, uma conquista. Se o encontro do indivíduo com o ambiente permite ao primeiro um desenvolvimento sadio, psique e soma são indistinguíveis, formando assim uma *trama psicossomática*. Contudo, se o desenvolvimento apresenta falhas devidas a um ambiente que não atuou de maneira suficientemente boa para suprir as necessidades do bebê, pode-se falar em uma ruptura no contato psique-soma que pode resultar na constituição de um falso *self*, indicado por um sentimento de que o *self* não habita o corpo próprio. A trama psicossomática se dá como resultado de um bem sucedido processo de “personalização”, que só acontece como efeito do toque materno no

---

<sup>43</sup> “Trata-se ou não de uma comunicação? A resposta talvez seja que, ao lidarmos com esse estágio inicial, já estamos modificando sobremaneira o próprio conceito de comunicação, em uma ampliação que pode ser considerada indevida. Por outro lado, assim procedendo, temos a vantagem de poder observar a raiz da potencialidade humana de se comunicar verdadeiramente na experiência primitiva do seguir existindo; isto só é possível devido a uma mãe-ambiente que entende os sinais do bebê de que há uma ameaça como uma comunicação que pede um gesto correlato da sua parte (*holding* e manejo adequados).” (GURFINKEL, 2001, p. 155)

bebê durante a fase de preocupação materna primária (Abram, 2000), em que o bebê e a mãe formam uma unidade.

A percepção do corpo próprio pelo bebê é o que dá ensejo à formação do núcleo do *self*. Segundo Winnicott, “o corpo vivo, com seus limites e com um interior e um exterior, *é sentido pelo indivíduo* como formando o cerne do eu imaginário” (WINNICOTT, 1949, p. 334, grifo no original). O verdadeiro *self* não se separa do corpo vivido/sentido, pois somente se atualiza na experiência através da possibilidade de afetar e ser afetado pelo ambiente. Por essa razão, o *verdadeiro self* não é uma essência, já que não existe como realidade efetiva e sim como *realidade virtual* que pode ou não se atualizar *na experiência*, sempre como criação (Plastino, 2007). O papel do ambiente é fundamental, pois é na relação do indivíduo com o mundo, através de uma zona intermediária que é simultaneamente objetiva e subjetiva, que essa potência virtual pode se atualizar, sendo o chamado falso *self* um constructo reativo ao ambiente.

Vemos assim que a articulação psique-soma, apesar de originária na visão winnicottiana, apenas se sustenta como resultado da interação indivíduo-ambiente, através do aparato sensorial do primeiro. O verdadeiro *self* supõe a realização de um processo de subjetivação que inclui o contato do psicossoma do indivíduo com a exterioridade<sup>44</sup>. Em processos patológicos, Winnicott constata que pode haver uma perda de contato entre psique e soma que, prejudicando a relação do *self* com o eu *lhe* é exterior, se constitua como um falso *self*. O autor, contudo, deixa claro que quando há um desenvolvimento saudável, estas duas instâncias se encontram tão inter-relacionadas que não podem ser distinguidas uma da outra, formando assim uma trama psicossomática. Como já foi visto, a psique é definida pelo autor como “a elaboração imaginativa (*imaginative*) dos elementos, sentimentos e funções somáticos, ou seja, da vitalidade física” (Winnicott, 1949, p. 333). Segundo Phillips (2006, p. 141), Winnicott usa a palavra psique para designar “aquela parte do corpo capaz de atividade mental”. A psique faz parte do corpo e emerge do seu funcionamento; é a integração psicossomática que possibilita o

---

<sup>44</sup> Falar em exterioridade e interioridade não é uma opção precisa quando se trata da obra de Winnicott, pois o conceito de zona intermediária, criado pelo autor, designa um espaço que *é ao mesmo tempo* interior e exterior ao *self*, de forma que se conclui que uma dimensão não existe sem a outra, estando as mesmas, portanto, intrinsecamente unidas. Além disso, também é possível dizer que, quando não há um contato recíproco entre indivíduo e meio, não se pode falar nem em indivíduo, nem em meio, pois a porosidade entre estas duas instâncias é o que as mantém como tais, em continuidade, num processo incessante de contato recíproco.

*going on being*, isto é, a continuidade do ser no tempo ou, se formos pensar nos termos de Espinosa, o *conatus*, que é a força de perseverar na existência. Em “Natureza Humana” (1990), Winnicott ressalta a união entre corpo e psique:

A psique, portanto, está fundamentalmente unida ao corpo através de sua relação tanto com os tecidos e órgãos quanto com o cérebro, bem como através do entrelaçamento que se estabelece entre ela e o corpo graças a novos relacionamentos produzidos pela fantasia e pela mente do indivíduo, consciente ou inconscientemente. (WINNICOTT, 1990, p. 70)

Nota-se, nesta passagem, que Winnicott distingue mente e psique. Vejamos então o que o autor entende por *mente*. No início do seu artigo “A mente e sua relação com o psicossoma” (1949, p. 332), Winnicott afirma não acreditar “que a mente realmente exista como uma entidade”. Algumas linhas depois afirma que a mente pode ser estudada “enquanto especialização da parte psíquica do psicossoma”, concluindo assim que a mente “será apenas um caso especial do funcionamento do psicossoma” (p. 333). Vê-se que o autor reserva o termo *mente* para tratar de uma especialização da psique – um ornamento – que, no entanto, não existe como uma entidade concreta, mas sim como um modo de funcionamento específico, ou seja, como uma função, que pode também não chegar a se constituir. Porém, de acordo com Abram (2000, p. 188), Winnicott também emprega o termo *mente* para descrever “o funcionamento intelectual similar a uma dissociação do indivíduo que sente sua mente como uma entidade que não participa de seu sentimento de self”.

De fato, Winnicott (1949, p. 333) usa o termo *mente* para tratar do desenvolvimento de uma “falsa entidade”, embora o autor admita que também se pode falar da mente como derivada de um funcionamento saudável da psique. Exemplo de um funcionamento patológico, a *psique-mente* tem sua origem numa “sedução” da psique pela mente que rompe o relacionamento entre psique e soma, na qual a psique como que se “mentaliza”, ou seja, se intelectualiza, afastando-se assim do corpo. Tal fenômeno se deve a um funcionamento mental organizado de forma defensiva contra um ambiente inicial tantalizante; é como se o funcionamento da mente passasse “a existir por si mesmo”, tornando a mãe desnecessária (Idem, p. 336). Essa defesa tem como resultado um crescente sentimento de vazio, assim como de inutilidade, que é provocado pelo fato de o indivíduo não conseguir encontrar a sua identidade no próprio corpo.

As doenças psicossomáticas são entendidas por Winnicott como uma defesa à psique-mente, pois um dos objetivos de tais doenças seria o de “retomar a psique da mente, e levá-la de volta à sua associação íntima original com o soma” (Winnicott, 1949, p. 345). É por isso que o autor trata tanto de aspectos negativos, como de aspectos positivos inerentes a tais doenças, pois quando não há um contato efetivo da psique com o corpo, também não há a possibilidade de ser afetado pela experiência. A doença psicossomática seria uma tentativa genuína de pôr em relação novamente duas instâncias que não deveriam funcionar separadamente, mas em paralelo.

Paradoxalmente, a mente saudável se desenvolve a partir das falhas ambientais inerentes ao cuidado suficientemente bom, que não é e não pode ser total após o período de preocupação materna primária, dada a humanidade de quem exerce tal função. É natural e desejável que a mãe comece a falhar no sentido de amenizar a presença maciça que foi necessária no início, quando o bebê era totalmente dependente dos cuidados ambientais. A mãe sensível abre espaço ao bebê para que ele possa criar o mundo à sua maneira exatamente no momento em que ele já é capaz de preencher esses espaços com criações pessoais. A atividade mental do bebê vai então suprir as falhas ambientais, transformando ausência em presença. Nas palavras de Winnicott (Idem, p. 335), “a atividade mental do bebê transforma um ambiente suficientemente bom num ambiente perfeito, ou seja, transforma a falha relativa da adaptação num êxito adaptativo”. Segundo o psicanalista inglês, as ameaças à continuidade do ser que seguem cada falha da adaptação fazem com que o funcionamento variável do psicossoma dê origem ao funcionamento da mente, o que leva à conclusão de que as bases do funcionamento mental de cada indivíduo se encontram na necessidade de um ambiente perfeito (Ibid., p. 335).

É no *espaço entre* momentos de ausência e presença que a mente se constitui através de um ritmo que se estabelece no contato com outros corpos do ambiente. A mente vem preencher espaços, formando imagens da experiência vivida pelo bebê em seu psicossoma. “A inteligência vem sempre depois”, como diz Suely Rolnik (1995) em entrevista, referindo-se à ideia que Deleuze desenvolve a partir de Proust. Nesta concepção, algo nos força a pensar, não formamos ideias por vontade ou qualquer forma de deliberação; é o poder de ser afetado pelo ambiente que nos força a pensar. Em Espinosa e Winnicott esta ideia

também está presente, pois os dois autores consideram que a capacidade de formar ideias se constitui a partir dos encontros que um corpo estabelece com outros corpos. Outro dado importante é que esta capacidade, entendida por Espinosa como um poder – de ser afetado –, não deixa de existir quando o pensamento se instaura. Como foi visto em Winnicott, somente quando uma capacidade sensível para ser afetado é mantida em funcionamento que o indivíduo pode viver plenamente a vida, transformando-se pelas experiências que vive.

### 3.2

#### Área da experiência e transicionalidade

A criatividade, que só pode emergir a partir do contato do psicossoma do indivíduo com o mundo externo, também é central no processo de constituição subjetiva descrito por Winnicott, não sendo entendida como estritamente artística, mas como criatividade cotidiana inerente à experiência do viver. O verdadeiro *self* só se atualiza como criação diante do mundo e a alteridade somente é apreendida pelo sujeito no contexto da zona intermediária, ligada à experiência cultural e aos processos criativos como um todo. É por isso que muitas vezes Winnicott refere a natureza da criatividade ao “viver”, ao “estar vivo” e ao “sentir-se real” (Abram, 2000, p. 88). Com isso, Winnicott privilegia mais uma vez a experiência, que possui as suas raízes ancoradas no contato do psicossoma, e portanto, do corpo, com o ambiente. Na passagem seguinte Winnicott confirma a relação intrínseca entre criatividade e experiência e distingue o viver criativo da criatividade artística:

Muitas vezes já me disseram: “Há um laburno em minha janela, o sol brilha, e intelectualmente sei que esta é uma paisagem incrível para aqueles que podem apreciá-la. Mas para mim esta manhã (segunda-feira) não tem o menor significado. *Não consigo senti-la. Me faz ver claramente que não me sinto real*”.

Ainda que aliadas ao viver criativo, as criações artísticas dos escritores de cartas, escritores, poetas, artistas, escultores, arquitetos, músicos, são diferentes. Vocês concordarão que, se alguém está engajado numa criação artística, espera-se que tenha algum talento especial. Mas para uma existência criativa não precisamos de nenhum talento especial. (WINNICOTT, 1970/2005, p. 28)

O conceito de *fenômeno transicional* em Winnicott, indissociável da sua concepção da criatividade, diz respeito a uma “dimensão do viver que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa”, sendo “mais propriamente (...) o espaço em que ambas as realidades encontram-se e separam o interior do exterior” (Abram, 2000, p. 253). Para se referir a tais fenômenos, ao longo de sua obra Winnicott também utiliza termos como *terceira área*, *área intermediária*, *espaço potencial*, *local de repouso* e *localização da experiência cultural* (Idem). Os fenômenos transicionais dizem respeito aos afetos – e consequentemente ao corpo vivido – se os entendemos como a expressão de uma transição entre dois estados, que só se efetua como experiência vivida, e que é qualitativamente distinta de uma comparação representada pela mente, assim como indicou Winnicott na passagem anterior. O espaço potencial é, assim, um espaço móvel, já que é na abertura de um espaço como esse que os processos vitais podem se expandir e continuar em curso.

Como foi visto em relação ao processo de integração, o tempo é um elemento fundamental para se pensar a continuidade na existência. São diversas as “vivências de tempo” (SAFRA, 2005, p. 27) que ocorrem durante o processo de desenvolvimento do ser humano, e por toda a sua vida. A perda do sentido de continuidade na existência, quando excessivamente repetida, tem como resultado a incapacidade para viver experiências, pois é a duração no tempo que define a transitividade própria das vivências afetivas. O ritmo estabelecido pela dupla mãe-bebê (incluindo todos os outros corpos que influenciam essa relação) é fundamental para a constituição do *self* do infante; como diz Safra (2005), a organização em torno desse ritmo é o primeiro núcleo do *self*, ao redor do qual se integram elementos sensoriais que irão compor o *self* em sua totalidade:

Este núcleo sustentado pela mãe ao longo de um período dá ao bebê **duração** em qualidades, levando-o a eventualmente constituir o que poderíamos denominar **tempo subjetivo**. (...) É um tempo que, por ter surgido a partir do ritmo singular da criança, faz parte de e é seu *self*. Ele é fruto da continuidade de ser do indivíduo e o retira do vácuo da eternidade e do não-ser. (SAFRA, 2005, p. 59-60, grifado no original)

O “tempo subjetivo” é lugar de descanso, em que não é preciso reagir a estímulos de nenhuma ordem, apenas ser/durar. É a duração no tempo que dá ao indivíduo a possibilidade de criar. A experiência de onipotência, em que o bebê

pode sentir-se como o criador de tudo o que lhe é exterior (exatamente por ignorar a existência de algo que não seja ele mesmo), é o germe para a possibilidade posterior de dispor de diferentes sentidos de temporalidade, transitar por eles e continuar a ser. Safra (2005, p. 65, grifado no original) relata o caso de uma paciente que se utilizava do tempo da sessão apenas para “**estar, durar** no tempo subjetivo estabelecido na situação transferencial”. Neste momento, surgiriam também as “qualidades de sua vida emocional: nuances da tristeza, do gostar, do odiar e assim por diante. **Era possível haver passagens**” (Idem, grifo nosso). Estas passagens se referem a encontros na medida em que são trânsitos possíveis entre o indivíduo e a exterioridade através das relações que o primeiro estabelece com os diferentes estímulos que o mundo lhe oferece. Há um terceiro em cada relação estabelecida que não pertence a nenhum dos dois pólos deste relacionamento, mas é um espaço constituído pela própria relação. É por isso que Winnicott define esse espaço *transicional* como uma região intermediária de experimentação:

(...) existe uma terceira parte na vida do indivíduo, parte essa que não podemos ignorar, uma região intermediária da experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área não questionada, pois nenhuma reivindicação é feita em seu nome, salvo de que ela possa existir como um lugar de descanso para o indivíduo permanentemente engajado na tarefa de manter as realidades interna e externa separadas, e ao mesmo tempo inter-relacionadas. (WINNICOTT, 1951/2000, p. 318)

Trata-se, portanto, de uma experiência paradoxal, em que as realidades interna e externa se interpenetram, pois estão “separadas, e ao mesmo tempo inter-relacionadas”. Dessa forma, “sujeito e objeto não resultam (...) de uma síntese, dialética ou transcendental, entre aspectos contraditórios ou diversos da experiência. A teoria de Winnicott procura apenas dar conta, em termos de paradoxo, de um processo temporal e permanente de passagem entre Eu e Não-Eu” (LUZ, 1998, p. 160). A resolução do paradoxo acaba por “abolir a experiência no que ela tem de específico, quer dizer, seu caráter intermediário” (Idem, pp. 165-166).

Como escreve Winnicott, o fenômeno transicional se dá em um espaço intermediário entre a realidade interna e a realidade externa, não podendo ser referido exclusivamente a nenhuma das duas, mas sim ao espaço que as separa. É

nesse “espaço entre” (Phillips, 2006) que se localizam as experiências do brincar e da criatividade em geral, sendo por isso muitas vezes denominado de espaço potencial. É também nesse espaço que Winnicott localiza o campo da cultura; o progressivo abandono do objeto transicional pelo bebê irá abrir espaço para interesses culturais como a arte, a religião e o trabalho científico criativo (Winnicott, 1951/2000). Na experiência primordial descrita por Winnicott, a mãe está em contato com o bebê de forma a refletir o que o bebê é (LUZ, 1998); a primeira forma pela qual o bebê se relaciona com o mundo envolve o *mimetismo* dos afetos presentes nessa relação. Esta é a primeira modalidade de experiência descrita por Winnicott: a experiência de ser (Idem). A experiência de ser não é, contudo, ativa; ainda é preciso adquirir uma gama maior de maneiras de ser afetado para constituir uma ação no mundo. No entanto, a experiência, desde seu princípio, é uma experiência compartilhada, pois não há como prescindir do encontro com o outro:

Impossível remontar ao “indivíduo isolado” com suas fantasias para deduzir a experiência cultural unicamente dos avatares da dualidade pulsional (os princípios erótico e agressivo, em seus aspectos ativos e passivos, sempre masculinos, da relação de objeto), a não ser pela (má) abstração do fator ambiente. (...)

Além disso, a experiência, quando chega a constituir-se, é princípio de singularização – de diferença e de variabilidade – e não de adequação, adaptação, integração ou socialização. A singularidade das experiências se opõe à estrutura generalizante e repetitiva de comportamentos conformistas ou autárquicos. E não se trata, afirma o autor, da variabilidade própria à realidade interna ou à realidade do mundo objetivamente compartilhado. (...) É na superfície de articulação entre o sujeito e o mundo que reside o princípio de diferença, singularização e variabilidade do sujeito. (LUZ, 1998, pp. 162-163)

O sujeito varia à medida que transita através de estados afetivos diversos. Esta variação só existe em virtude de um encontro que, antes de ser simbólico, é material e atual: o encontro com o objeto transicional. A materialidade do objeto transicional tem de ser captada pela sensorialidade do bebê. Trata-se de um objeto concreto, porém, que proporciona a primeira experiência de trânsito entre estados integrados e não-integrados, própria dos fenômenos transicionais em sua totalidade<sup>45</sup>. Há uma temporalidade própria que se constitui na criação de um

<sup>45</sup> É importante lembrar que não é propriamente uma transição entre dois estados, pois “Os extremos entre os quais o movimento se efetua são pólos ideais ou teóricos”.(LUZ, 1998, p. 165).

espaço *entre*, uma linha de fuga para padrões cristalizados no tempo, uma forma de contato e devir. O espaço transicional pertence concomitantemente às realidades interna e externa, pois a ele pertencem da mesma maneira a realidade externa e uma realidade que é criada primitivamente. É, portanto, um espaço paradoxal e, além disso, um espaço onde se vive o paradoxo. Winnicott descreve tal dimensão da experiência transicional como o encontro entre o objeto concebido pela imaginação do bebê e o objeto real existente no mundo. O bebê que tem fome pode alucinar o seio materno e a mãe sensível oferecerá o alimento em um tempo que esteja suficientemente em conformidade com o tempo da criação do infante. É esta a experiência de *ilusão* que está na base da criatividade.

Talvez possamos dizer que a experiência de ilusão tem alguma conexão com a imaginação, primeiro gênero de conhecimento para Espinosa, pois nenhuma das duas dimensões da experiência deixa de estar presente ao longo da vida, da mesma forma que nenhuma das duas é necessariamente fonte de erro, podendo ser usada em benefício de composições. Além disso, a ilusão é uma via de mão dupla, já que não parte do eu, mas se dá na realidade do espaço transicional, assim como a imaginação que se origina dos afetos e afecções que um corpo sofre em seus encontros. Se não foi possível criar o mundo em algum momento de nossa existência, não saberemos como criar uma vida potente, em que, conhecendo nossos afetos e criando linhas de fuga, possamos aumentar o grau de preenchimento de nossa potência no sentido da liberdade. Para Winnicott, a liberdade está na capacidade de não ficar à mercê de uma percepção puramente objetiva e racional da realidade, mas sim poder criar vida, dar vida às coisas e, por fim, experimentá-las em um encontro afetivo. Talvez esta seja uma ética winnicottiana possível.

Nos termos do processo de desenvolvimento descrito por Winnicott, é o objeto transicional que ganha importância por se constituir como a primeira posse da criança, isto é, como a posse do primeiro objeto não-eu. No entanto, não se pode propriamente falar do objeto transicional como um objeto não-eu, pois é justamente por meio da relação que a criança estabelece com esse objeto – que mais do que adotado, é *criado* por ela – que ela pode pela primeira vez distinguir-se do mundo externo. Este objeto é, portanto, parte do eu da criança ao mesmo tempo em que presentifica o seu não-eu original. Dessa forma, o objeto transicional vem a ser uma ponte que torna possível a convivência e a

comunicação do psicossoma do indivíduo com a realidade externa. Segundo Winnicott, a importância do objeto transicional está menos no objeto usado do que no uso que se faz do mesmo (WINNICOTT, 1971). O uso do objeto transicional envolve um paradoxo, pois nele convivem dimensões diversas da experiência. É preciso, no entanto,

solicitar que o paradoxo seja aceito, tolerado e respeitado, e não que seja resolvido. Pela fuga para o funcionamento em nível puramente intelectual, é possível solucioná-lo, mas o preço disso é a perda do valor do próprio paradoxo.

Esse paradoxo, uma vez aceito e tolerado, possui valor para todo indivíduo humano que não esteja apenas vivo e a viver neste mundo, mas que também seja capaz de ser infinitamente enriquecido pela exploração do vínculo cultural com o passado e com o futuro. (WINNICOTT, 1971, Introdução)

Como foi visto, Winnicott também alude ao espaço transicional como uma área intermediária de experimentação, que não se refere nem a subjetividade, nem a objetividade compartilhada (Idem), já que contém as duas. Pode-se compreender assim que o autor considere que é no espaço transicional que experiências e devires podem se dar. É através dessa área intermediária que é possível ao sujeito se modificar por meio dos encontros com aquilo que lhe é externo e ao mesmo tempo manter contato com o seu próprio *self*, isto é, apropriar-se subjetivamente da experiência. Nas palavras do autor:

Estou sugerindo que o experimentar concreto não se origina diretamente nem da realidade psíquica do indivíduo nem dos relacionamentos externos do indivíduo. Isso pode parecer um tanto surpreendente, mas o senhor talvez compreenda o que digo se pensar num Van Gogh experimentando, isto é, sentindo-se real, enquanto pinta um de seus quadros, mas sentindo-se irreal em suas relações com a realidade externa e em sua vida interna retraída<sup>46</sup> (WINNICOTT 1958/2005, p. 151)

A área intermediária é, para Winnicott, fundamental para a organização do Eu do indivíduo, não sendo fundada, porém, “no padrão do funcionamento

<sup>46</sup> A tradução de Naffah Neto (2007, pp. 234-235, grifado no original) ressalta o caráter experiencial dessa área. Aqui, estou tentando [...] relacionar *experiência* aos fenômenos transicionais. Estou sugerindo que a *experiência* real não se origina diretamente nem da realidade psíquica individual, nem dos relacionamentos externos do indivíduo. Isso soa um tanto surpreendente, mas se pode apreender o sentido do que digo ao se pensar em Van Gogh experienciando, quer dizer, sentindo-se *real* enquanto pinta um de seus quadros, mas se sentindo irreal seja nos seus relacionamentos com a realidade externa, seja na sua vida privada interna retraída”

corporal, embora seja fundada em experiências corporais” (PLASTINO, 2007, p. 209). Os fenômenos transicionais não estariam, portanto, à mercê da necessidade de satisfação pulsional, mas se refeririam a relacionamentos com o objeto, configurando-se como uma outra dimensão da existência humana proveniente da capacidade de relacionamento do Eu (Plastino, 2007). Através do estudo sobre os fenômenos de *transição*, Winnicott aborda a ambiguidade presente em toda experiência (LUZ, 1998). É uma experiência paradoxal que configura a área intermediária, porém, o *self* é também um “intermediário”, pois se unifica por núcleos isolados: o *self* “se constitui a partir dos núcleos libidinais autônomos, eróticos e agressivos, que formam a substância mesma da vida espontânea, em contato com o que o meio ambiente oferece” (Idem, p. 160). E o que o ambiente oferece são experiências, que envolvem uma transição afetiva no sentido de uma relação cada vez mais complexa com os objetos e demais estímulos que lhe cercam. Há um processo em andamento, em que afetações mútuas ocorrem e estas podem se compor e servir como planos de consistência para o *self* em formação. Diferente de autores como Melanie Klein e Freud, Winnicott prioriza o processo inerente à transicionalidade. Nas palavras de Abram (2001):

O conceito freudiano de uma seqüência do desenvolvimento do princípio do prazer que se transforma em princípio de realidade ofereceu sua contribuição para uma compreensão da transição que o bebê humano tem que transpor, sem que jogasse luz sobre o processo transicional em si. O enfoque apresentado por Melanie Klein do mundo interno e das fantasias do bebê, na opinião de Winnicott, parece não dar conta do impacto provocado pelo mundo exterior em sua percepção. (ABRAM, 2001, p. 254)

De fato, a teoria winnicottiana privilegia o processo inerente a transicionalidade, visto que este é fundamental para que o sujeito viva criativamente, ou seja, esteja conectado a realidade da experiência do viver – ou em termos espinosanos, para que a sua potência não esteja separada do que pode. Para o psicanalista inglês, mais do que experiências pulsionais relativas fundamentalmente ao mundo interno do bebê, como em Freud e Klein, trata-se de um amalgamento entre o bebê e o ambiente, que é constituído pela mãe ou por qualquer pessoa que se dedique maciçamente aos cuidados relativos ao bebê, e também por todas as outras pessoas, objetos, imagens e sensações que fazem parte da vivência do infante. Segundo Abram (2001, p. 26), para Winnicott “o

indivíduo não existe – o que existe é o indivíduo em relação ao mundo externo”. Na introdução de “O Brincar e a Realidade” (1971), livro dedicado à discussão em torno dos processos transicionais, Winnicott reivindica o estudo da terceira área pela psicanálise, lembrando que aquela se refere em sua amplitude aos fenômenos culturais:

Essa área de desenvolvimento e experiência individuais parece ter sido desprezada, enquanto a atenção se focalizava na realidade psíquica, pessoal e interna, e sua relação com a realidade externa ou compartilhada. A experiência cultural não encontrou seu verdadeiro lugar na teoria utilizada pelos analistas em seu trabalho e em seu pensar. (WINNICOTT, 1971, Introdução)

O fato de Winnicott ressaltar a importância dos fenômenos culturais para a experiência humana o torna um autor original no campo da psicanálise, pois o espaço transicional é uma área de contato que prescinde da existência de sujeito e objeto à medida que é a criação de um espaço-tempo em que o sujeito se dá em processo, sempre em relação ao campo cultural do qual faz parte. O apartamento entre sujeito e objeto é um mecanismo defensivo à transitividade própria dos fenômenos afetivos e transicionais. Quando há processos afetivos em curso, há também uma porosidade em relação ao ambiente que, se não torna sujeito e objeto indistinguíveis, abre espaço para uma “contínua passagem entre não-ser e ser, o mesmo e o outro, repouso e movimento” (LUZ, 1998, p. 167). Quando falamos de fenômenos transicionais estamos, assim, falando de um espaço-tempo em que os devires podem se dar, abrindo espaço para as diferenças e tornando as identidades rígidas insustentáveis. Nas palavras de Guattari:

(...) se há algo válido nos ensinamentos da psicanálise é, no mínimo, o fato de que ela tendeu a fazer explodir a legitimidade da noção de identidade. No início da psicanálise, essa problemática explodiu espetacularmente. Nas primeiras análises de Freud – sobretudo nos estudos sobre a histeria –, ele descobriu que, para quem do discurso da identidade e do discurso do ego, modos de subjetivação podem se encarnar no corpo, em discursos de imagens, em discursos de relações sintomáticas, de relações sociais, etc. A partir daí, o que precisamos nos indagar é se vamos nos contentar em fazer explodir a noção de identidade *para dentro* – fazê-la implodir em direção à teoria dos “objetos parciais” –, ou se vamos tentar também fazê-la explodir *para fora*, em direção a coisas como os “objetos transicionais” de Winnicott, ou os objetos institucionais, em direção a todo objeto econômico, a todo objeto maquínico que habita o campo social. (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 79)

A terceira área é superfície de contato e comunicação, processo de jogo em que estão presentes experiências estéticas de criação, inclusive do *self*. Não é, portanto, nas representações psíquicas que se dá a experiência, mas no próprio espaço paradoxal em que o jogo acontece. O jogo não é “cenarização da fantasia inconsciente”, pois “enquanto a fantasia escapa às dimensões da espacialidade e da temporalidade, o jogo as supõe e convoca (LUZ, 1998, p. 165). Não se trata, portanto, de um inconsciente atemporal em que representações psíquicas de objetos se constituem, mas do inconsciente como atividade ou processo de jogo em que há sempre a dimensão de um encontro efetivo – e afetivo:

Ao pensar o espaço de constituição do sujeito como o espaço de uma atividade em processo, o jogo ou a brincadeira, sem regra ou finalidade, Winnicott não faz apenas a crítica das representações e objetos psíquicos: ele desloca a noção de inconsciente do campo da crítica da representação a que estivera confinada. É esse deslocamento a contribuição central de Winnicott a uma teoria do inconsciente. A noção de sujeito não está referida ao campo das representações, seja como condição empírica ou transcendental da representação, seja como o que, na representação, se revela como falta. Entre vazio e plenitude, o sujeito se dá em processo, no gesto poético. (LUZ, 1998, p. 168)

Visto dessa maneira, o processo de constituição psíquica, ao invés de dizer respeito prioritariamente a fenômenos de descarga ligados a uma dinâmica pulsional de prazer e desprazer, se refere, sobretudo, a uma experiência de comunicação mútua, afetiva, criativa e de compartilhamento coletivo. Trata-se de um processo criativo impulsionado por experiências afetivas, que são intrinsecamente coletivas, já que provém de encontros. Winnicott delineia uma área da experiência humana que se distingue da fantasia – consciente ou inconsciente – caracterizada por ser uma realidade considerada como apenas “interna” (LUZ, 1998). A área intermediária é uma superfície de contato onde se pode jogar e a cultura, por consequência, “não é devaneio, ela tem sua origem no jogo”; é também um “ambiente afetivamente favorável” que permite o desenvolvimento do brincar. Segundo Phillips (2006, p. 101), “na visão de Winnicott a criança, assim como o adulto, não carregava apenas a sua vida pulsional, mas também seu ambiente primordial dentro de si e o recriaria em cada nova situação”, mesmo porque “o desenvolvimento real só pode se dar, e é mesmo o processo de procurá-lo, a partir da confiança no ambiente”.

### 3.3.

#### A experiência como condição para o viver criativo

O que mais nos importa ressaltar na singular visão de Winnicott sobre os processos de subjetivação é a importância que tal autor atribui a experiência – corpo vivido – e sua continuidade, assim como aos processos afetivos que nunca deixam de estar em movimento. Nos escritos de Winnicott dificilmente veremos uma preocupação maior com a definição de estágios ou posições que alcançam um termo. Veremos, por outro lado, uma grande sensibilidade para descrever processos, que vem e vão sem nunca atingir um fim definitivo. Não é à toa que o psicanalista valoriza atividades como o brincar, que por ser uma experiência lúdica de auto-experimentação pode dar ensejo a outras experiências afetivas de transformação que ocorrerão ao longo da vida de qualquer ser humano saudável, capaz de se utilizar do espaço potencial constituído incessantemente pela experiência cultural. Em seu artigo sobre “A localização da Experiência Cultural” (1967), Winnicott diz ter empregado “o termo ‘experiência cultural’ como uma ampliação da idéia de fenômeno transicional e de brincar, sem estar certo de que pudesse definir a palavra ‘cultura’.” E completa dizendo que “O acento, na verdade, é posto na experiência.”

Essa passagem demonstra a convicção de Winnicott na intermediação dos processos psíquicos pelos processos culturais, mas demonstra, sobretudo, que o privilégio é dado a experiência, que é simultaneamente corporal e psíquica, já que é a indiscernibilidade entre soma e psique que caracteriza o verdadeiro *self* e, conseqüentemente, o gesto espontâneo e a possibilidade de ser criativo e sentir-se real. A noção de experiência é assim entendida como experiência vivida, remetendo ao corpo vivo e intensivo e a dimensão afetiva que o constitui. Winnicott parecia saber disso quando descrevia as necessidades primitivas do bebê como inicialmente corporais, somente posteriormente se transformando em necessidades do eu (Winnicott, 1956/2000). Segundo Lejarraga (2008), “Trata-se de necessidades emocionais de contato humano, íntimo, corporal e afetivo”, que não podem “ser reduzidas às necessidades fisiológicas nem às tensões instintivas” (Idem, p. 89), isto é, às pulsões. Isto não significa que o autor desconsidere a pressão interna referente às pulsões, mas apenas que em sua obra o fator ambiental tem tanto valor quanto o pulsional, visto que primordialmente o

indivíduo não existe sem o ambiente e apenas se individua num momento posterior, sempre em uma experiência de contato intensivo e afetivo. Segundo Luz:

Se Freud fala do continente ignorado da realidade psíquica profunda, com suas leis próprias, ou sua ausência de leis, Winnicott interessa-se pela superfície de contato, o espaço potencial como membrana ou interface: uma área, pois, de superfícies contíguas, arcaica mas não profunda, a partir da qual surgem sujeito e mundo como realidades psíquicas diferenciadas. O que Winnicott pretende tematizar é o vazio virtual que une, separa, o mundo da cultura e o sujeito, para descrever a singular atividade psíquica que ali se inaugura. Ilusão da experiência, paradoxo da razão, eis o que Winnicott nos promete como fonte de vida psíquica, movimento de vaivém entre o repouso no indeterminado e as sínteses do diverso, sempre ambíguas, provisórias, sem princípio soberano de organização (LUZ, 1998, p. 166)

Winnicott pensa o desenvolvimento emocional individual como uma tendência inata (Plastino, 2007). Tendência que só se atualiza, contudo, com a intervenção de um ambiente suficientemente bom. A motilidade e o erotismo são considerados pelo autor como dois aspectos da “força vital” que está presente no indivíduo humano como um potencial inato que, no entanto, só se fusionam quando não há nada que atravanque o desenvolvimento de tal potencial. Quando há o que o autor denomina de ambiente suficientemente bom, o “contato com o ambiente é uma experiência do indivíduo, este se desenvolvendo desde seu centro (ou cerne)” (Plastino, 2007, p. 204). Quando o ambiente não funciona de forma suficientemente boa, o que pode significar um ambiente intrusivo, o desenvolvimento se dá de fora pra dentro efetivamente como uma imposição, que pode chegar a se configurar como um falso *self* (Idem). Winnicott chega a falar de um processo patológico de “catalogação” que se deve a lembrança inconsciente da reação a um trauma; a memória de tal reação é armazenada, “mas não é integrada como experiência”, apesar de se localizar em alguma parte do corpo (Abram, 2000).

O processo de catalogação é um dos entraves possíveis à continuidade do ser, condição para a vivência de experiências em que o *self* possa se expandir. Para explicar a noção de *continuidade no ser*, Winnicott utiliza a imagem de uma bolha cuja pressão interna é interdependente da pressão do ambiente externo. Dessa forma, o *self*, representado pela imagem da bolha, pode explodir tanto por uma intrusão do ambiente, como por uma ausência de contato com o mesmo. Isso

porque, nesse caso, a influência do ambiente se caracteriza por enterrar a continuidade – duração – no tempo, que é essencial para o desenvolvimento do *self*. Nas palavras do autor:

Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode *seguir existindo*. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se, por outro lado, a pressão do exterior da bolha for maior ou menor que aquela em seu interior, a bolha passará a *reagir à intrusão*. Ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos do animal humano, isto significa uma interrupção no ser, substituída pela reação à intrusão. Cessada a intrusão, a reação também desaparece, e pode haver, então, um retorno ao ser. (WINNICOTT, 1954/1990, p. 148, grifado no original)

Se o *self* se modifica por uma reação às mudanças no ambiente, não pela espontaneidade do seu gesto, o indivíduo recua e tende a encerrar sua criatividade em um “ambiente subjetivo” no qual se sente real, já que não lhe sobra espaço para agir e criar em consonância com sua experiência de contato com a exterioridade. A recorrência das reações pode então se constituir em um padrão no qual uma “barreira protetora” (NAFFAH NETO, 2007) é formada para resguardar o indivíduo das imposições externas. É fundamentalmente isto que Winnicott chama de falso *self*:

(...) a criatividade do bebê tem de poder ser exercida desde o *absoluto* início para se desenvolver e continuar ao longo do tempo, conquistando, mais adiante, a zona do *espaço potencial*. Ou seja, se a vida do bebê não encontra espaço para se expandir *criativamente* – e, no início, esse espaço inclui *necessariamente* a mãe –, essa qualidade do *próprio, singular, único* que define o ser do bebê, e que mais adiante iria formar um *self* unificado e criador, define e se esconde; para protegê-la, produz-se um *falso self*. (NAFFAH NETO, 2005, p. 444, grifado no original)

Para Naffah Neto (2007), o falso *self* estaria “destituído da capacidade de experienciar”. É como se o indivíduo mantivesse um estado em que estabelece o mínimo de relações possíveis com a realidade imanente da existência através da formação de uma casca protetora daquilo que Winnicott chama de núcleo do *self*. Esta imagem é facilmente representada pela descrição do autor acerca das funções do ambiente. Se o ambiente é de alguma maneira insensível às necessidades de expansão do bebê, este ao invés de se desenvolver a partir de si mesmo e dos limites que o contato do seu corpo com os outros vai delimitando, é

moldado pelas ações do ambiente, que impõem um desenvolvimento, contudo, reativo.

A imagem utilizada por Winnicott é a de uma casca que assume a função de proteger das influências externas algo de pessoal e singular. Esta proteção acaba atuando no sentido de estabelecer um solipsismo dificilmente quebrado pelo contato com a diferença provocada pelos encontros. Por isso se diz que não há possibilidade de viver experiências, já que a vida acontece substancialmente em um mundo estritamente subjetivo, sem transições possíveis, isto é, sem a possibilidade de se afetar e ser afetado pela exterioridade. Nas palavras de Naffah Neto:

(...) dizer que o falso *self* não pode ter *experiência* significa considerar que ele funciona como uma espécie de escudo, tendo de manter o psiquismo fechado, inacessível a grande parte das afetações do ambiente e dos impulsos vitais ameaçadores, com a função de proteger o *self* verdadeiro. Nesse sentido, ele pode filtrar todo o impacto afetivo dessas fontes traumatizantes, retendo somente os vestígios intelectuais dessas intrusões (se for um falso *self* formado por hipertrofia mental, fadado a controlar o ambiente por vias intelectuais) e/ou recortar e mimetizar do ambiente traços que possam compor a sua função eminentemente adaptativa/protetora. Voltado a uma função exclusivamente defensiva, o falso *self* não pode experimentar. (NAFFAH NETO, 2007, p. 234, nota 4, grifado no original)

Para este comentador da obra de Winnicott, a “noção de experiência constitui uma espécie de eixo em torno do qual gravita a psicanálise winnicottiana, tanto no nível teórico quanto clínico.” O autor inglês se baseia na descoberta de psiquismos verdadeiros e falsos, sendo a disposição para viver experiências o critério diferencial entre estas duas formas de funcionamento (NAFFAH NETO, 2007). Convém lembrar que o que Winnicott chama de verdadeiro ou falso *self* não se refere a uma essência, mas a um maior ou menor grau da possibilidade de manter a própria existência em processo. A *realização*, ou sentimento de que a vida é real, é uma construção entre outras necessárias para manter-se em devir. Nutrir-se do encontro com a alteridade é um aprendizado que se dá no âmbito do acontecimento estético-afetivo, não no da racionalidade. Porém, é preciso saber algo sobre nós mesmos e sobre os afetos de que somos capazes para vivermos uma vida minimamente potente, que possa se expandir, acumulando formas as mais diversas de contato com outros corpos no sentido da composição de um corpo coletivo do qual fazemos parte. Não é à toa que o autor

explora o que chama de terceira área, ou zona da experiência, território dos acontecimentos coletivos como a possibilidade de usufruir de uma cultura e contribuir para a construção da mesma. Segundo Naffah Neto:

“(…) toda *experiência* é *experiência cultural*, na medida em que há um *contínuo* entre as primeiras *experiências* de amamentação – e os elementos lúdicos que a acompanham – e a aquisição posterior de toda a bagagem cultural, simbólica, com possíveis contribuições à transformação da mesma. A *experiência* cultural começa com o viver criativo, expresso no brincar e se aloca sempre no *espaço potencial*. (NAFFAH NETO, 2007, p. 231, grifos no original)

O autor chega a dizer que a clínica que decorre da perspectiva teórica adotada por Winnicott é uma *clínica da experiência* (NAFFAH NETO, 2007) em que a ênfase recai na possibilidade de oferecer um plano de consistência para a vivência de experiências, sem que estas sejam vividas como ameaçadoras. O trabalho clínico deve então agir no sentido de tornar o indivíduo mais potente a partir da própria experiência que começa a ser vivida no *setting*, de forma que ele possa ir “retomando processos traumatogênicos congelados no tempo e, então, paulatinamente, ir tornando as defesas desnecessárias e abrindo espaço à emergência da criatividade que elas encobrem” (Idem).

O objetivo primordial de uma análise não será, portanto, a simbolização de conflitos inconscientes, pois Winnicott não vai priorizar em sua clínica o aspecto representacional dos fenômenos psíquicos, como a psicanálise neofreudiana de origem francesa o faz (NAFFAH NETO, 2005). A clínica winnicottiana, principalmente quando se trata de casos-limite, tem o objetivo de promover a criatividade, que emerge como consequência da possibilidade de acessar a zona intermediária, ou zona de experiência. Para isso, a principal ferramenta utilizada não é a interpretação que visa atribuir sentido à experiência pessoal do analisando, mas a interpretação entendida como sustentação necessária à emergência do verdadeiro *self* e da espontaneidade que lhe é correlata, mesmo porque a assunção de um sentido que não é criado pelo indivíduo, e sim por um outro, seria uma experiência traumática e geradora de retraimento, o que dificultaria o processo percorrido rumo à independência e à expansão do *self* verdadeiro.

Na extensa, porém, esclarecedora passagem a seguir, Naffah Neto descreve a proposta analítica de Winnicott e marca algumas das suas diferenças em relação a psicanálise neofreudiana:

Esse é um processo eminentemente experiencial, no qual a questão primeira não é ligar nada, nem simbolizar nada, pelo menos *por princípio*. Trata-se - volto a repetir - de fazer passar pela área de *experiência* - portanto, da *criatividade* originária - acontecimentos fundamentais ao processo de amadurecimento, que dela ficaram cindidos por falhas ambientais. Então, através disso, possibilitar que o *self* verdadeiro possa - no seu tempo e na sua forma próprios - vir a registrar esses acontecimentos e deles se apropriar paulatinamente. Sem dúvida, novos processos de simbolização tenderão a ocorrer como consequência da *experiência*, que se processa em grande parte no *espaço potencial* e, ao retomar situações traumáticas congeladas, tende a promover a rememoração das mesmas e a emergência dos afetos aí gerados, fazendo grande parte disso tudo passar pela linguagem. Ou seja, a simbolização aí é *consequência*, não finalidade. Isso é importante sublinhar, porque, para Winnicott, processos de simbolização que não passem pela área de experiência, numa análise, são vistos não só como antiterapêuticos, mas também como patogênicos.

Por razões análogas, não se trata, no nível da função analítica, de fazer proliferar novos recursos interpretativos ou de construção, capazes de promover *narrativas inclusivas* - conjuntos de representações-palavras - para dar forma a marcas indizíveis. A psicanálise winnicottiana é avessa à noção de *representação*, pelo menos no que se refere aos estágios primordiais do amadurecimento, com os quais efetivamente tratamos na psicanálise dos casos-limites. A função básica do analista será, aí, a de *sustentação* do processo, muitas vezes organizando e fornecendo algum contorno provisório para o universo cindido - e, às vezes, caótico - do analisando, mas com muito cuidado com a função interpretativa e/ou construtiva para não repetir a intrusividade do ambiente originário. (NAFFAH NETO, 2005, p. 450, grifado no original)

Outra comentadora da obra de Winnicott também discorre sobre a noção de experiência no pensamento do autor e, embora não a caracterize como um elemento central, admite sua importância e sua ligação intrínseca aos processos de desenvolvimento. Segundo Elsa Dias (2003), o conceito de experiência não se encontra claramente definido na obra de Winnicott, estando, entretanto, implícito através do uso que Winnicott faz do mesmo ao longo de sua obra. A autora afirma que o sentido do conceito varia conforme o momento do amadurecimento a que Winnicott se refere, pois é preciso distinguir a experiência dos estados primordiais da existência daquela que se dá quando já existe uma unidade subjetiva. Por esse motivo, o conceito de experiência na obra do psicanalista inglês não pode ser separado das teorizações que o autor empreende acerca do processo de integração

no tempo e no espaço, estando, portanto, intrinsecamente relacionado ao sentimento de realidade:

(...) reunindo as inúmeras passagens acerca do tema, pode-se afirmar que ‘experiência’ e ‘sentimento de real’ (*feeling of real*) estão mutuamente imbricados: só aquilo que é dado na experiência é real para o indivíduo. Mas pode-se, igualmente, dizer que algo – um estado de ser, uma fantasia, um sonho ou um acontecimento – só é uma experiência se for sentido como real. (DIAS, 2003, p. 123).

Este real, entretanto, não tem a ver com o princípio de realidade freudiano, visto que a espontaneidade, o sentido de real e a criatividade não têm relação com a adaptação a uma realidade externa, mas com a criação de um mundo subjetivo no processo de ilusão. Mesmo que, num segundo momento, a gradual desilusão seja saudável e necessária, apenas aqueles que são capazes de viver uma experiência de ilusão podem passar pelo processo de desilusão e relacionar-se com a exterioridade de forma objetiva. No entanto, a capacidade de se iludir sempre estará presente, como condição, nos processos criativos que ocorrem à medida que ao indivíduo é possível habitar o espaço transicional. Assim como diz Winnicott na passagem seguinte:

(...) a experiência é um trafegar constante na ilusão, uma repetida procura da interação entre a criatividade e aquilo que o mundo tem a oferecer. A experiência é uma conquista da maturidade do ego, para a qual o ambiente fornece um ingrediente indispensável. Não é, de modo algum, alcançada sempre. (WINNICOTT, *apud*, DIAS, 2003, p. 123)<sup>47</sup>

O ingrediente indispensável para a aquisição da capacidade de viver experiências é dado pelo ambiente. Um ambiente suficientemente bom é capaz de respeitar o ritmo do bebê, de forma que este possa criar o mundo em sintonia com a apresentação do mesmo mundo para ele. Se isso ocorre, o gesto espontâneo pode se dar e o sentimento de onipotência, por parte do bebê, lhe permite sentir-se criando o próprio mundo e durando em sua experiência, ou seja, ao bebê é possível viver a experiência de continuidade no ser, indispensável à atualização do verdadeiro *self*. Segundo Dias (2003):

---

<sup>47</sup> A escolha pela tradução livre de Winnicott por Elsa Dias se refere a importância que esta autora atribui a experiência no trecho citado.

a capacidade para a experiência está relacionada, portanto, à espontaneidade, à criatividade originária, à raiz do si-mesmo verdadeiro, em suma, ao *ser*. (...) A capacidade para a experiência é, portanto, uma aquisição do amadurecimento, que depende de um elemento imponderável: a facilitação ambiental. (DIAS, 2003, p. 124)

Se pensarmos com os conceitos espinosanos, podemos entender o desenvolvimento sadio como ativo, já que ele se produz mediante uma causa interna ao indivíduo, e o desenvolvimento patológico como passivo, por ser impulsionado por uma causa externa (Cf. Espinosa, *Ética*). Mas o que é mais importante na construção conceitual de Winnicott é que o desenvolvimento genuíno e ativo é aquele que não se afasta da experiência. Tal experiência pode ser pensada como afetiva e, sobretudo, corporal, pois é inerente ao desenvolvimento que não desarticula psique e soma, como nos casos de passividade, em que a psique perde o contato com o corpo que originalmente foi a sua morada. A atividade também é uma noção fundamental em Winnicott, pois num momento anterior à integração da personalidade o autor postula a existência de um afeto: a agressividade, que em suas origens é “quase sinônimo de atividade” (Winnicott, 1950-55, p. 289).

### 3.4.

#### **Agressividade primária e amor**

A agressividade primária é vinculada por Winnicott à motilidade e deve ser entendida como um impulso ao movimento que está presente no bebê mesmo antes do seu nascimento e que é fundamental para a constituição da externalidade. Tal agressividade, apesar de cruel, não é intencional, pois o bebê ainda não possui recursos para prever os resultados de suas ações. A crueldade (*ruthlessness*) presente na agressividade primária diz respeito à idéia de cruzeza, como o que existe em estado bruto, como chama a atenção o psicanalista e tradutor de “Natureza Humana”, Davi Bologomez (Winnicott, 1954/1990, p. 11). No estágio de pré-concernimento, em que a integração egóica ainda não se deu completamente, “a criança existe como uma pessoa e tem propósitos, mas não tem ainda concernimento quanto aos resultados” (Winnicott, 1950-55/2000, p. 290).

A agressividade primária – motilidade – se expressa no sentido da descoberta e da experimentação do mundo; o bebê precisa morder, debater-se e afastar o que contém os seus movimentos. Tal agressividade deve ser diferenciada da reação agressiva, que só pode surgir quando há uma maior organização egóica e conseqüentemente um concernimento por parte da criança em relação ao resultado de suas ações. A motilidade é, para Winnicott, uma das expressões da “força vital”, que o autor inglês supõe ser inata e conter também uma parcela de erotismo, que progressivamente tende a se fundir com a motilidade. Tal fusão, no entanto, pode não ocorrer quando o ambiente se impõe ao indivíduo fazendo com que a motilidade não possa ser utilizada para a exploração do mundo, e sim para reagir às intrusões (Winnicott, 1950-55/2000). Winnicott enfatiza que a possibilidade de descobrir e redescobrir o mundo a partir da motilidade torna-se uma “*experiência do indivíduo*”, de modo que, quando isso não ocorre, “é apenas através da intrusão ambiental que o potencial de motilidade torna-se matéria de experiência” (Winnicott, 1950-1955/2000, p. 298).

Vemos aqui novamente a importância que o autor atribui à experiência. O sentimento de realidade que provém da efetiva experimentação do mundo por parte do indivíduo é prejudicado quando sua espontaneidade é cerceada, pois a experiência não se configura como propriedade do indivíduo e de suas necessidades – corporais – e sim como propriedade do ambiente e das necessidades que este impõe ao indivíduo. Não há, portanto, um contato efetivo do indivíduo com o ambiente, ou seja, não há possibilidade de experimentar o mundo a partir de um desenvolvimento singular que se dê do interior para o exterior ativamente, mas sim através de um desenvolvimento que se dá de fora pra dentro, em que cabe ao indivíduo reagir no lugar de agir. Não há, assim, possibilidade de transformação através da experiência. O efeito clínico de tal padrão é a busca por parte do indivíduo de uma oposição que lhe forneça o contato com a raiz da motilidade, que não pode se expressar espontaneamente. A busca por oposição, além de impedir que o indivíduo desenvolva um padrão próprio de relacionamento com o mundo, também tem como conseqüência a dependência, “fora da qual o indivíduo não consegue crescer” e o retraimento emocional (Winnicott, 1950-1955/2000, p. 298).

Mas o afeto agressivo não é o único que está presente nas teorizações de Winnicott sobre a constituição subjetiva humana. O amor também é fundamental

para que o indivíduo possa se desenvolver de maneira ativa e espontânea através da experiência inicial de mutualidade. Sabemos que para o psicanalista inglês, nos primeiros estágios de sua existência o bebê faz parte de um par ambiente-indivíduo, do qual progressivamente se diferencia. Por isso, os afetos que envolvem o outro pólo deste par (ambiente) também devem ser considerados, já que fazem parte de uma experiência compartilhada.

Se do lado do bebê “a agressividade faz parte da expressão primitiva do amor” (Winnicott, 1950-55/2000, p. 289), da parte da mãe o amor também é fundamental, não só para compreender o caráter não intencional de tal agressividade, mas para que a adaptação às necessidades do bebê possa ocorrer a ponto de a mãe-ambiente atingir um estado denominado por Winnicott de preocupação materna primária, em que há uma completa empatia da mãe com as necessidades do bebê. Tal empatia, descrita por Winnicott como uma “adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê” (Winnicott, 1956/2000, p. 401), se dá mediante afetos e sensações, constituindo-se como uma vivência corporal. Em seu artigo sobre a “Preocupação Materna Primária” (Idem), Winnicott ressalta o caráter sensível, essencial para que tal identificação maciça possa acontecer:

Somente no caso de a mãe estar sensível do modo como descrevi poderá ela *sentir-se* no lugar do bebê, e assim corresponder às suas necessidades. A princípio trata-se das necessidades corporais, que gradualmente transformam-se em necessidades do ego à medida que da elaboração imaginativa das experiências físicas emerge uma psicologia. (WINNICOTT, 1956/2000, p. 403, grifo nosso)

A preocupação materna primária, definida por Winnicott como uma vivência de mutualidade, envolve o início de uma comunicação pré-verbal entre a mãe e o bebê; comunicação inconsciente e afetiva que se configura como a primeira experiência de ser do bebê (LEJARRAGA, 2008, p. 92), precursora do viver criativo e do brincar. A continuidade dessa experiência, contudo, também está ligada a vivências corporais à medida que é a manutenção do entrelaçamento entre psique e soma que dá consistência à experiência, fazendo com que o indivíduo a *sinta* – seja afetado por ela – como uma experiência real da qual ele é proprietário. É a partir dessa experiência inicial que o indivíduo poderá criar novos sentidos para a sua existência, exercitando a criatividade intrínseca àqueles que podem *criar* para si uma *vida que valha a pena ser vivida*.

Conforme visto neste capítulo, procurei circunscrever os conceitos winnicottianos de *psicossoma*, *transicionalidade*, falso e verdadeiro *self*, *agressividade primária*, entre outros, para tratar das relações entre corpo, afetos e experiência na obra do autor. A morada da psique no soma é imprescindível na teoria do psicanalista inglês para que haja um contato efetivo do indivíduo com a realidade e para que a experiência afetiva possa ocorrer como uma experiência *real* de transição e de criação de si, características que configuram o que o autor denomina de verdadeiro *self*.

A transicionalidade foi abordada justamente através da processualidade que lhe é intrínseca, sendo assim entendida como a experiência afetiva por excelência. A importância em tratar de tal aspecto da obra de Winnicott reside no fato de que através dele o autor aborda o papel dos encontros entre indivíduo e ambiente por uma ótica que privilegia a criatividade, ancorada na possibilidade de afetar-se e de ser afetado pela experiência que se atualiza no ambiente. Os cuidados da mãe para com o bebê podem deixar o caminho aberto para a constituição de um espaço transicional/potencial que será propriedade do indivíduo que está aberto para a relação com o mundo, ou pode enterrar a constituição de tal espaço, o que tem como consequência para o indivíduo a impossibilidade de criação e a constituição de um falso *self*. Este funciona como uma barreira ao contato de sua singularidade com o ambiente, impossibilitando assim a constituição de experiências afetivas de transformação, ou seja, experiências em que é possível transitar de um estado a outro.

A impossibilidade de acessar a “zona intermediária” se constitui como uma impossibilidade de viver experiências, visto que estas se definem pelo contato efetivo entre o Eu do indivíduo, que não se dissocia de seu corpo, e o que lhe é externo. A transicionalidade é a base para a vivência afetiva, que se configura como uma experiência real à medida que se dá como uma transição efetiva entre dois estados e não apenas como uma representação psíquica de tal transição. A transicionalidade representa na obra de Winnicott aquilo que autores como Deleuze chamaram de “fluxos”, “devires”, “desterritorializações” e “afetos”, apontando para o movimento que lhes é inerente. Outros autores como Dewey e James, nas fundações do pragmatismo, também entenderam a experiência, não como um exercício introspectivo, nem como uma recepção passiva de estímulos, mas através do seu caráter intrinsecamente relacional,

utilizando termos como “fluxo”, “campo” e “circuito” para defini-la (Bezerra Jr., 2008).

A agressividade primária também possui um lugar de destaque na obra de Winnicott e se refere à experiência na medida em que é entendida pelo autor como sinônimo de motilidade. Tal motilidade é descrita como um impulso ao movimento, que não pode por isso ser dissociado do corpo. É através da progressiva fusão da motilidade com o potencial erótico, que também faz parte da “energia vital”, que o mundo poderá ser experimentado como real pelo indivíduo, isto é, como uma experiência de criação que se dá simultaneamente nas dimensões corporal e psíquica, configurando assim o verdadeiro *self* winnicottiano. Tentei demonstrar como a agressividade primária está nas bases da experiência que se dá por meio do amalgamento entre psique e soma e que por isso pode ser sentida – e não só compreendida – como real e consistente.

Mas se é verdadeiro que em termos winnicottianos só se pode falar em uma experiência afetiva de criação e contato com a realidade se a psique mantiver as suas bases no corpo, também é verdadeiro que a criação só poderá ocorrer se puder se atualizar no ambiente. Este será, assim, fundamental para que o contato do indivíduo com a realidade possa se dar como criação, pois se tal ambiente atua no sentido de impedir a expressão da espontaneidade do indivíduo, a única experiência possível é a de reação, que na concepção de Winnicott não se configura como uma experiência efetiva, real e criativa, mas como uma experiência da qual o indivíduo não é o proprietário, simplesmente por não dizer respeito aquilo que lhe é espontâneo e sim aquilo que lhe é imposto de fora. Esse tipo de experiência não se dá, portanto, em um espaço transicional que suscita a afetação recíproca indivíduo-ambiente. A impossibilidade de acesso à zona intermediária aponta justamente para o fato de que experiências transformadoras não podem se dar, exatamente por não ocorrer uma afetação recíproca entre indivíduo e ambiente, mas sim intrusões do ambiente no indivíduo, que não possui a oportunidade de afetar o mundo e de se transformar através de sua potência, presente em sua capacidade singular de ser afetado pelos encontros.